

RESENHA

DITADURAS DA POLÍTICA, DITADURAS DO CINEMA

RESENHA DE SILVA, Marcos [org.],
DITADURAS DO CINEMA (BRASIL, 1964/1985-1965/2006)
SÃO PAULO: LCTE EDITORA, 2016, 164P

GIUSEPPE RONCALLI PONCE LEON DE OLIVEIRA*

MARINALVA VILAR DE LIMA**

Podemos dizer que os filmes, à semelhança do que ocorre com o conhecimento histórico, são produzidos com base em processos de pluralização de sentidos ou verdades. Nesse sentido, as obras cinematográficas são construções carregadas de significados, construídos a partir da seleção dos elementos que irão compor as imagens e o som que as acompanham e, depois, na articulação entre os diferentes conjuntos de imagens baseada na edição e montagem dos filmes. Mesmo com a tentativa de reconstituir ou explicar o passado, aquilo a que assistimos nos filmes remete às representações e ao conhecimento histórico de seus criadores. Dessa forma, as películas acabam se tornando documentos da época em que foram realizadas; refletindo assim, visões de mundo, conflitos e contradições, que também estão sempre presentes em nossas interpretações sobre os mesmos¹.

Conforme nos mostraram Silva & Ramos (2011), os filmes são materiais inerentes à educação permanente, de forma potencial, desde que

o cinema foi inventado. E o ensino de história escolar sempre se beneficiou e se beneficiará de um diálogo com seu universo, quer trazendo filmes para o espaço escolar, quer encaminhando os alunos para sessões de cinema ou diferentes outras formas de acesso àquelas obras – vídeos, exibições na televisão aberta ou por assinatura, etc².

Como ocorre em relação a outros temas e problemas de conhecimento histórico, a ditadura militar no Brasil (1964-1985) é, na escola, um ponto de encontro entre a memória social que a evoca de diferentes formas (crítica, rejeição, exemplo, nostalgia) e o conhecimento rigoroso que o professor detém e pode oferecer a seus alunos, com as adequações expositivas e analíticas próprias a diferentes faixas etárias e etapas de formação, mediadas pelas condições materiais e políticas da escola. Esse aspecto ocorre em escolas concretas, onde os poderes intelectual e político são permanentemente disputados – monopólio, compartilhamento, preservação do existente, mudança etc.³.

Por essa razão, *Ditaduras do Cinema (Brasil, 1964/1985-1965/2006)*, livro organizado por Marcos Silva e publicado no final de 2016, é uma ferramenta extremamente relevante ao fazer pedagógico dos professores de história na educação básica e superior. Nessa obra, o autor nos convida a refletir sobre a *memória da ditadura brasileira em filmes*. Processo que se iniciou já em 1965 com *O desafio*, de Paulo Cesar Saraceni, e tem continuidade até nossos dias. Segundo Silva, tal memória possui características históricas próprias:

(...) a etapa inicial de consolidação do regime de 1964 a 1968; o período de extremo agravamento da violência ditatorial, a partir do AI-5, de 1968, e ao menos até 1974, quando se encerra o governo Médici e se inicia a crise internacional do petróleo; e o ocaso do regime, de 1975 a 1985, quando a ditadura se

desmonta sob seu controle porque não mais dava conta de enfrentar simultaneamente a crise econômica internacional e o fortalecimento de movimentos sociais e outros setores de oposição internos,

à memória geral sobre a ditadura depois que ela se encerrou (a etapa inicial da Nova República, até 1989; o desgoverno Collor; a hegemonia PSDB/PFL; e a hegemonia PT/PMDB”) e também à periodização própria do cinema brasileiro (“sobrevivência e mudança do Cinema Novo; nascimento do Udigrudi; ascensão e desmontagem da EMBRAFILME; Lei Rouanet e regulamentação do audiovisual; cinema da retomada; convívio entre grande mercado e projetos autorais”).

Silva acrescenta que

O diálogo de cada filme com essas várias articulações permite entender melhor os aspectos de sua produção, recepção inicial e sobrevivência artística e documental, bem como seus posicionamentos na edificação daquela memória. São análises intermediadas também pelos diferentes gêneros e subtemas dos filmes, conforme os exemplos abordados pelos colaboradores⁴ da coletânea. Nesta, os exemplos abordados se distribuem entre **autocrítica e escárnio** [*O desafio* (1965), *Terra em Transe* (1967), *Fome de Amor* (1968)]; **o poder de ver e fazer** [*Quando o carnaval chegar* (1972), *Os Doços Bárbaros* (1976), *Bye-bye Brasil* (1979), *Os saltimbancos trapalhões* (1981)] **denúncia e memória alternativa** [*Iracema* (1974), *Cabra marcado para morrer* (1964/1984), *Nunca fomos tão felizes* (1984), *Lamarca* (1994), *O que é isso, companheiro?* (1997)] e **culpa mesclada a ira e martírio** [*Ação entre amigos* (1998), *Batismo de sangue* (2006)]. Podendo também ser classificados como tramas, comédias, musicais, tragédias e documentários⁵.

O livro foi resultado

(...) de uma experiência acadêmica estabelecida através do convênio DINTER (doutorado interinstitucional) USP/UFAC/CAPES, iniciado em 2011. A versão final procura dialogar com um público ampliado de interessados em História e Cinema. O organizador e seus colaboradores, esperam que os textos sejam um atestado da capacidade de se ir além do campo acadêmico, dialogando com um universo mais amplo de leitores, refletindo sobre estes e outros problemas de conhecimento histórico”⁶.

Finalizamos, retomando um argumento de Marcos Silva (2016a), que nos mostra que o período abordado em *Ditaduras do Cinema*, traz migalhas de cultura histórica sobre o tema em questão: além dos filmes analisados, podemos falar em telenovelas, falas de políticos, comentários na imprensa periódica, etc. Tratando-se portanto, de material diversificado, que pode abrigar reflexões importantes com perigosas armadilhas ideológicas, como a fantasia de que os problemas atuais em saúde, moradia e educação não existiam naquele período ou o delírio de que a violência autoritária é melhor que as inseguranças democráticas. O papel do professor, num universo dessa natureza, jamais se confundirá com a simples conquista de adesões a seus pontos de vista, ele antes incidirá no alargamento da capacidade discente de pensar num viés crítico⁷.

Notas

* É Bolsista PNPd-CAPES/PPGH/UFMG e Doutor em História Social pela FFLCH/USP. Publicou individualmente o livro, **Luís da Câmara Cascudo e a invenção do “feminino” na “cultura-popular-nordestina” (1938-1977)** (EDUEMG, 2009), além de artigos em periódicos especializados.

** É Professora da UAHis/PPGH/UFCG e Doutora em História Social pela FFLCH/USP. Publicou individualmente o livro **Narradores do Padre Cícero: do auditório à bancada** (EDUFC, 2000), além de artigos em periódicos especializados.

¹ ABUD, Kátia Maria et alii. “O cinema no ensino de História” In: _____. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2013, p. 165-177

² SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. “Apresentação – História o ensino dos filmes” In: **Ver História: o ensino vai aos filmes**. Marcos Silva & Alcides Freire Ramos (Orgs.). São Paulo: Hucítec, 2011, p. 12.

³ SILVA, Marcos. “Aprender a ditadura brasileira de 1964 a 1985 (Ensino de História depois da Casa da Morte)”. In: GUIMARÃES, Selva. (Org.). **Ensino de história e cidadania**. Campinas, SP: Papyrus, 2016a, p. 66

⁴ Marcos Silva; Francisco Pereira Costa; Carlos Estevão Ferreira de Castelo; Geórgia Lima; Daniel da Silva Klein; Hélio Costa Jr.; Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque; Franciele Maria Modesto Mendes; Sérgio Roberto Gomes de Souza; Euzébio de Oliveira Monte; Marcelo da Silva Murilo; Wlisses James de Farias Silva; Cássio Santos Melo; e Valmir Freitas de Araujo.

⁵ Para mais informações sobre as fichas técnicas dos filmes comentados, v. SILVA-b, 2016, pp 153-156.

⁶ SILVA, Marcos, “Memória cinematográfica da ditadura (Introdução)” In: _____. (Org.). **Ditaduras do Cinema (Brasil, 1964/1985-1965/2006)**. 1ª ed. São Paulo: LCTE Editora, 2016b, p. 7-8.

⁷ SILVA, Marcos. “Aprender a ditadura brasileira de 1964 a 1985 (Ensino de História depois da Casa da Morte)”. In: GUIMARÃES, Selva. (Org.). **Ensino de história e cidadania**. Campinas, SP: Papyrus, 2016a, p. 68-69.